DOS PRIMÓRDIOS DA GEOGRAFIA A CONSTRUÇÃO DA GEOGRAFIA MODERNA: CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS.

Cláudia Pinheiro Nascimento*
(UNIR – Universidade Federal de Rondônia mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia)
Carlos Santos, (UNIR - Universidade Federal de Rondônia, Doutor)

Resumo:

Durante todo o seu percurso, a geografia tanto a desenvolvida pelos viajantes do séc. XVII, que tinha um caráter puramente informativo até a geografia moderna que tem como campo de abrangência o mundo globalizado, teve seus conceitos envolvidos com associação de interesses determinados.
Conceitos como paisagem, região, espaço e território estiveram presentes em todo o percurso da ciência geografia, cada um ocupando um significado especial como conceito chave da disciplina em períodos específicos. A ciência geográfica atualmente apresenta como seu foco de estudo a ação humana de modelagem da superfície da terra, diante disso apresenta uma grande missão expor como o uso consciente do espaço pode restaurar a dignidade humana, em um período onde os riscos referentes às conseqüências da modernidade são inúmeros.
Palavras Chaves: Geografia, Espaço, Território, Paisagem, Lugar, Região, Modernidade.

Abstract:

The geography was developed by travelers of the century XVII during your travelers, which had a purely informative nature to the modern geography that has the scope of coverage the globalized world, had its concepts involved in association of certain interests. Concepts such as landscape, region, space and territory were present throughout the course of geographical science, each occupying a special meaning as key concept of discipline in specific periods. The geographical science currently presents as its focus of study the action of human modeling of the earth's surface, before it presents a great mission explain how the conscious use of space can restore human dignity, in a period where the risk for the consequences of modernity are a lot.
Keywords: Geography, Space, Territory, Landscape, Region, Modernity.

Evolução da Geografia e dos conceitos geográficos

A Geografia desenvolvida pelos viajantes do séc. XVII e pelos geógrafos do séc. XIX constituía-se como estudos informativos, que visavam produzir informações para a elite

* UNIR – Universidade Federal de Rondônia mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia
Carlos Santos, (UNIR - Universidade Federal de Rondônia, Doutor)

colonial, constituíam-se, sobretudo como um saber empírico sem preocupação alguma referente ao campo teórico - epistemológico.

Segundo Durant s.d., os mais famosos e brilhantes viajantes no Extremo Oriente foram os membros da família Pólo, mercadores venezianos, com maior destaque para o filho mais novo, Marco. Foi Marco quem fez a primeira descrição de uma viagem através de toda a Ásia, o primeiro europeu a vislumbrar o Japão, o primeiro que descreveu Pequim, Java, Sumatra, Sião, Bitmânia, Ceilão, a Costa Zanzibar, Madagascar e Abissínia.

Seu livro revelou do Oriente ao Ocidente, auxiliou a abrir novas rotas para o comércio, contribuiu para a elaboração de uma geografia que inspirou Colombo a partir em sua nau, do Ocidente para o leste, além, de trazer novas idéias que impulsionaram a arte.

A ciência da cartografia alcançou, porém, melhorias devido à ampliação da órbita de comércio e viagens. Segundo Durant s.d., a cartografia procurou alcançar o nível que tivera nos dias de Augusto.

Portolanos, guias para os portos de comércio, com mapas, cartas, itinerários e descrições dos vários pontos de ancoradores foram preparados pelos navegadores. “Tais portolanos alcançaram nas mãos dos cartógrafos de Pisa e Gênova, alto grau de precisão” (Durant s.d., p.885).

Segundo Dresch in Santos (2004), a Geografia desde suas origens responde a uma ideologia engendrada pelo capitalismo que para sua implantação tinha que ser adequada as necessidades de expansão nos países centrais e na periferia.

Entra em foco então, a busca de matérias primas e mercados comsumidores que o além mar garantiria, em um periodo em que a divisão internacional do trabalho ganhava uma nova dimensão.

> “A utilização da Geografia como instrumento de conquista colonial, não foi uma orientação isolada, particular a um país. Em todos os países colonizadores, houve geográfos empenhados nessa tarefa, readaptada segundo as condições e renovada sob novos artíficios cada vez que a marcha da História conhecia uma inflexão” (Santos, 2004, p.31).

É desse periodo as noções de determinismo geográfico, a geografia apresentava-se como intérprete das condições naturais sendo este o fator responsável pelas relações entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos.

Segundo Max Sorre, essas relações eram as responsáveis pela construção das chamadas “paisagens derivadas”, decorrentes nos paises subdesenvolvidos e derivadas das necessidades da economia dos países industriais onde se encontravam as decisões.

Entre os geógrafos coloniais podemos citar A. Himley, Paul Vidal De La Blache, M. Dubois, Charles Robiquain todos da escola francesa e Mackinder da escola inglesa.

O conceito de espaço utilizado até esse periodo foi conceito de espaço absoluto, o espaço independente, existindo por si mesmo, separadamente da matéria e possível de se definir por meio de um sistema de coordenadas cartesianas, como latitude e longitude (Machado, 1997).

A ciência Geográfica se institucionalizou como disciplina nas universidades européias entre os períodos de 1870 a 1950, sendo uma das características dessa geografia produzida, o cunho informativo, nesse período inicia-se uma incipiente reflexão teórica e até mesmo epistemológica. Essa reflexão estava ligada ao fato da geografia focar seus estudos na sociedade, então conceitos ligados à ação humana de modelagem da superfície da terra e que apresentam uma forte ligação: paisagem, região, espaço, lugar e território passaram a ser utilizados.

Foi a concepção de espaço relativo, que dominou os estudos geográficos até aproximadamente na década de 50, subsidiando uma investigação que priorizava a observação e descrição de fenômenos variados presentes na superfície terrestre (Machado, 1997).

Como a modernidade e o desenvolvimento da ciência geográfica apresentam períodos próximos quanto ao surgimento, visto que ambos possuem sua matriz no iluminismo, o precursor do desenvolvimento da ciência, a evolução dos conceitos geográficos acompanha o desenvolvimento da modernidade.

Os conceitos de paisagem, região, espaço e lugar sofrem modificações ao longo do tempo em função dos agentes modificadores do espaço e dos novos conceitos produzidos pela modernidade.

A ciência geografia percorreu um longo caminho que permitiu um aprimoramento dos seus conceitos, após a sua institucionalização como disciplina nas universidades européias, entre os anos de 1870 e 1950, temos a chamada revolução teorético-quantitativa ou Geografia Tradicional, que segundo Roberto Lobato Corrêa (1995) esse período antecede as mudanças nas décadas de 1950, primeiramente, e, depois, na de 1970.

A geografia tradicional privilegiou conceitos de paisagem e região utilizados como base para a discussão sobre o objeto da geografia e seu papel diante das demais ciências. O espaço não se apresenta como conceito chave na geografia tradicional, porém as obras de Ratzel e de Hartshorne o apresentem de modo implícito (Corrêa, 1995).

A discussão envolvia geógrafos vinculados ao positivismo e ao historicismos, além de geógrafos possibilistas, deterministas, culturais e regionalistas.

A Geografia teorético-quantitativa calcada no positivismo lógico da década de 50, introduziu profundas mudanças na Geografia, como apontam, entre outros, James (1972), Claval (1974), Christofoletti (1976), Santos (1978) E Capel (1982) (Corrêa, 1995).

Neste período adotou-se uma visão de unidade epistemológica, unidade calcada nas ciências naturais. Os conceitos de lugar e região não apresentam grande significação, o espaço aparece pela primeira vez como conceito chave da disciplina e segundo Corrêa, 1995 em Bunge (1966), Schaefer (1953), Ullman (1954) E Watson (1955).

A década de 70 foi marcada pelo surgimento da Geografia Crítica, fundada no materialismo histórico e dialético. Foi um dos períodos mais produtivos, pois a geografia rompe com a geografia tradicional e com a geografia teorético-quantitativa, criando seus próprios conceitos. É nesse período que surge a discussão entre marxistas e não marxistas acerca do espaço, onde se discute a presença ou ausência do espaço na teoria social, a sua natureza e significado. O espaço é abordado neste período como espelho externo a sociedade.

Os anos 70 foi o período, onde aparecem as primeiras indagações da geografia crítica humana sobre a primazia da história sobre a geografia, fato que permaneceu adormecido por mais de uma década.

A geografia pouco contribuiu em termos teóricos para essas primeiras reafirmações do espaço em contraposição do tempo, e alguns dos mais influentes críticos sociais da época, abafavam suas críticas ao historicismo, porém, a mais persistente e coerente dessas vozes espacializadoras foi de Henry Lefébvre.

A partir da afirmação de CLAVAL (1977), de que o espaço nas obras de Marx aparece marginalizado dentro de um historicismo que segundo Soja (1993), “aparece como uma contextualização histórica hiperdesenvolvida da vida social e da teoria social, que obscurece e periferaliza ativamente a imaginação geográfica ou espacial, surgem discussões”.

> “A incapacidade desse debate de reconhecer a singular periferalização teórica do espaço, que acompanhou até as formas mais neutras do historicismo, entretanto, foi justamente o que começou a ser descoberto no fim dos anos sessenta, nos titubeantes primórdios do que denominei de geografia humana crítica pós-moderna” (Soja, 1993, p.23).

Soja define historicismo como “uma contextualização histórica hiperdesenvolvida da vida social, que obscurece e periferaliza ativamente a imaginação geográfica ou espacial”.

Foi à incapacidade do historicismo de reconhecer a importância do espaço na construção da teoria social crítica, que levou no fim dos anos 70, o nascimento do que Soja denomina "Geografia humana critica pós-moderna".

Segundo Corrêa (1995), o espaço aparece efetivamente na análise marxista a partir da obra de Henri Lefébvre. Em seu *Espacio y Política* argumenta que o espaço "desempenha um papel ou uma função decisiva na estruturação de uma totalidade, de uma lógica, de um sistema" (Lefébvre, 1976, in Corrêa, 1995, p. 25).

Nos anos oitenta, as tradições historicistas passam a ser questionadas, uma geografia humana pós-moderna e crítica vem tomando forma, reafirmando a importância interpretativa do espaço.

O tempo não é mais o ponto de partida para a construção do pensamento crítico contemporâneo, mas a interação do tempo e do espaço, "a interação da história com a geografia, das dimensões "verticais" e "horizontais" do ser no mundo, livres da imposição do privilégio categórico intrínseco". (Soja, 1993 p. 19)

> "Novas possibilidades estão sendo geradas a partir desse entrelaçamento criativo, possibilidades de um materialismo simultaneamente histórico e geográfico, de uma dialética tríplice de espaço, tempo e ser social, e de uma reteorização transformadora entre a história, a geografia e a modernidade". (Soja, 1993, p.19)

Dentro dessa nova perspectiva estão às obras de Milton Santos, que foram fortemente inspiradas nas obras de Lefébvre, contribuíram muito através do estabelecimento do conceito de formação sócio-espacial onde segundo o mesmo, modo de produção, formação socioeconômica e espaço são categorias interdependentes.

Para Santos "o modo de produção seria um gênero cujas formas sociais seriam as espécies; o modo de produção seria apenas uma possibilidade de realização e somente a formação econômica e social seria a possibilidade realizada" (Santos 1979, p. 13).

> "Nesta linha de raciocínio admitimos que a formação sócio-espacial possa a ser considerada como uma meta-conceito, um paradigma, que contém e está contido nos conceitos-chave, de natureza operativa, de paisagem, região, espaço (organização espacial) lugar e território" (Corrêa, 1995, p.27).

> "A formação sócio-espacial é a mediadora entre o Mundo e a Região, o Lugar e entre Mundo e Território. Este papel de mediação não cabe ao território em si, mas ao território e ao seu uso, num momento dado, o que supõe de um lado uma existência material de formas geográficas, naturais

> ou transformadas pelo homem, formas altamente usadas e, de outro lado, a existência de normas de uso, jurídicas ou meramente costumeiras, formais ou simplesmente informais (SANTOS, 1999, p. 270).

O espaço segundo Milton Santos deve ser analisado a partir das categorias: estrutura, processo, função e forma, consideradas em suas funções dialéticas.

A geografia humanista surgiu na década de 70 acompanhada da retomada da geografia cultural. A geografia humanística estava calcada nas filosofias do significado e se constituiu como uma crítica a geografia de cunho lógico-positivista.

> "Contrariamente às geografias crítica e teorético-quantitativa, por outro lado, a geografia humanista está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real" (Corrêa, 1995, p.31)

O conceito de paisagem é revalorizado, assim como o de região, enquanto que o de território tem na geografia humanista uma de suas matrizes. O conceito de lugar passa a ser o mais relevante enquanto o espaço adquire para muitos o significado de espaço vivido (Corrêa, 1995, p.30).

Esse espaço vivido inclui, além das necessidades imediatas e as estruturas concretas, as estruturas abstratas, o imaginário, sentimentos e idéias de um grupo ou povo sobre o espaço a partir de suas experiências.

Segundo Yi-Fu-Tuan (1983, p.18), "os espaços do homem refletem a qualidade dos seus sentidos e sua mentalidade".

Todo o processo de evolução da ciência geográfica desde o seu estabelecimento como disciplina acadêmica até os dias atuais, auxiliaram na construção de conceitos que permeiam a geografia, na grande maioria das vezes visando interesses particulares que não se estendiam de modo generalizado.

Muitas foram as contribuições de Geógrafos que consciente ou inconscientemente após a Segunda Guerra Mundial colaboraram para a expansão do capitalismo e para a expansão de todas as suas desigualdades de opressões decorrentes desse, principalmente nos países de terceiro mundo.

O papel da geografia deve seguir um sentido oposto, como Milton Santos declara "os geógrafos devem fornecer as bases de reconstrução de um espaço geográfico que seja realmente do homem, espaço de toda gente e não o espaço a serviço do capital e de alguns".

Seguindo essa linha a Geografia segue na construção de um espaço verdadeiramente humano, e essa reconstrução ocorre em um período denominado moderno como afirma Giddens ou pós-moderno segundo David Harvey em que novos elementos, categorias e funções são atribuídas ao espaço, criando novos conceitos. “Quando a natureza se torna social, cabe á geografia perscrutar e expor como o uso consciente do espaço pode ser um veículo para restauração do homem na sua dignidade”.(Santos, 2004, p.267)

A geografia na modernidade: conceitos, instrumentos e usos.

Mas o que se pode determinar como moderno e quando surge a modernidade?

O termo moderno surge no inicio do século XVII, com a laicização do conhecimento, onde este passa da esfera do religioso para a dimensão laica de produção da verdade, sem censuras.

Segundo Giddens moderno é tudo que vem como contraponto do que é anterior.

Nos séculos XVII e XVIII a burguesia assumiu uma condição própria de pensamento, tendendo para um processo que tivesse imediata utilização prática. Com isso surgiu o Iluminismo, corrente filosófica que propôs "*a luz da razão sobre as trevas dos dogmas religiosos*". O pensador René Descartes mostrou ser a razão, a essência dos seres humanos, surgindo a frase *"penso, logo existo*". No aspecto político o movimento *Iluminista* expressou-se pela necessidade do povo escolher seus governantes através de livre escolha da vontade popular. Lembremo-nos de que foi neste período que ocorreu a Revolução Francesa em 1789.

O Método Científico surgiu como uma tentativa de organizar o pensamento para se chegar ao meio mais adequado de conhecer e controlar a natureza. Já no fim do período do Renascimento, Francis Bacon pregava o método indutivo como meio de se produzir o conhecimento. Este método entendia o conhecimento como resultado de experimentações contínuas e do aprofundamento do conhecimento empírico.

Por outro lado, através de seu *Discurso sobre o método*, René Descartes defendeu o método dedutivo como aquele que possibilitaria a aquisição do conhecimento através da elaboração lógica de hipóteses e a busca de sua confirmação ou negação.

A Igreja e o pensamento mágico cederam lugar a um processo denominado, por alguns historiadores, de "*laicização da sociedade*".

Se a Igreja trazia até o fim da Idade Média a hegemonia dos estudos e da explicação dos fenômenos relacionados à vida, a ciência tomou a frente deste processo, fazendo da Igreja e do pensamento religioso razão de ser dos estudos científicos.

No século XIX a ciência passou a ter uma importância fundamental. Parecia que tudo só tinha explicação através da ciência. Como se o que não fosse científico não correspondesse à verdade. Se Nicolau Copérnico, Galileu Galilei, Giordano Bruno, entre outros, foram perseguidos pela Igreja, em função de suas idéias sobre as coisas do mundo, o século XIX serviu como referência de desenvolvimento do conhecimento científico em todas as áreas.

Na sociologia, Augusto Comte desenvolveu sua explicação de sociedade, na Economia, Karl Marx procurou explicar pelo método materialista, histórico e dialético as relações sociais através das questões econômicas. Charles Darwin revolucionou a Antropologia, ferindo os dogmas sacralizados pela religião, com a Teoria da Hereditariedade das Espécies ou Teoria da Evolução.

O que se pode chamar de projeto da Modernidade entrou em foco segundo Habermas durante o século XVIII, a partir do iluminismo, que tinha como objetivo desenvolver a ciência objetiva livre das irracionalidades do mito, da religião, da superstição. (Harvey, 2006)

> "Há uma modalidade de experiência vital – experiência do espaço e do tempo, do eu e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é partilhada por homens e mulheres em todo o mundo atual. Denominarei esse corpo de experiência "modernidade". Ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de si e do mundo – e, ao mesmo tempo, que ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. Os ambientes e experiências modernos cruzam todas as fronteiras da geografia e da etnicidade, da classe, e da nacionalidade, da religião e da ideologia; nesse sentido pode-se dizer que a modernidade une toda a humanidade. Mas trata-se de uma unidade paradoxal, uma unidade da desunidade; ela nos arroja num redemoinho de perpetua desintegração e renovação, de luta e contradição, de ambigüidade e angustia. Ser moderno é ser parte de um universo em que, como diz Marx, "tudo que é sólido se desmancha no ar"" (Berman in Harvey, 2006, p. 21).

O processo de laicização proposto pelo iluminismo, retira a ciência da esfera do religioso restrita aos clérigos, e passa para a dimensão laica onde abundavam doutrinas de igualdade, liberdade, fé na inteligência humana, razão universal agora acessível a todos. A modernidade surge a partir da laicização do conhecimento e traz consigo uma proposta de

melhora e evolução de todos os aspectos da vida humana, mas suas conseqüências foram muito além daquilo que poderia ser previsto.

> "O desenvolvimento das instituições sociais modernas e sua difusão em escala mundial criaram oportunidades bem maiores para os seres humanos gozarem de uma existência segura e gratificante que qualquer tipo de sistema pré-moderno. Mas a modernidade tem também um lado sombrio, que se tornou muito aparente no século atual" (Giddens, 1991, p.16).

A modernidade expõe a crise, que é algo que está sempre presente, impondo como sua dialética básica os conceitos de *Ser* e *Devir*. *Ser*, do latim *sedere*, assentar, produzir, tem sua matriz em Parmênides[1] e *Devir*, do latim *devenire*, suceder, vir a ser, tem sua matriz em Heráclito[2].

Essa é a dialética da modernidade, um legado do projeto iluminista, realidade que nos permite escolhas e que nos leva a crises freqüentes, causando instabilidade, esta característica básica da modernidade.

A modernidade com seus conceitos e conhecimentos permitiu reconhecer a plasticidade da realidade, ou seja, sua capacidade de moldagem.

A concepção de espaço concebida nesta análise é de que o espaço resulta de uma condição inerente ao sujeito, algo intuído desde a concepção do ser humano no ventre materno, não sendo algo externo ao sujeito.

O espaço geográfico não pode ser construído, já nos é apresentado pronto, mas pode ser qualificado, alterado e isso ocorre devido a condição inerente do homem de modificação do espaço "*o exossomatismo*". O homem assim como os animais tem a capacidade de modificar o espaço, porém o homem em função das técnicas torna-se mais eficaz.

A modificação do espaço ocorre com duas finalidades; a primeira é a construção do habitat, esse processo inclue os animais e os seres humanos, a segunda modificação do espaço ocorre pelas relações humanas, sendo assim, a organização espacial espelha as relações espaciais.

---

[1] Componente da escola Eleática, que recebe o nome de Eléia, cidade situada no sul da Itália, local do seu florescimento. As questões filosóficas da escola Eleática concentram-se na comparação entre o valor do conhecimento sensível e o conhecimento racional. De suas reflexões, resulta que o único conhecimento válido é aquele fornecido pela razão.

[2] Heráclito é por muitos considerados o mais eminente pensador pré-socrático, por formular com vigor o problema da unidade permanente do ser diante da pluralidade e mutabilidade das coisas particulares e transitórias. Problematiza a questão do devir (mudança).

O espaço aparece como “condição de possibilidades de todas as coisas” (Milton Santos, 2007), onde essa transformação do espaço pelo homem na tentativa de melhor adaptá-lo a sua sobrevivência, ou seja, esse processo de moldagem que o homem promove a si e ao seu entorno é a dimensão que importa ser discutida.

Esse espaço, porém é fonte de uma gama de recursos, que permite moldagens diferentes que ocorre através do tempo. Assim, espaço e tempo apresentam-se associados diretamente.

Esses espaços criados pelo homem são recortes do espaço e correspondem ao verdadeiro *locus* da condição humana.

“A espacialidade enquanto recorte do espaço é o verdadeiro *locus* da condição humana” (Santos, 2007)

O conceito de *espacialidades* trabalhada nesse texto se assemelha ao conceito de *espaço social* de Milton Santos, ou seja, os dois conceitos referem-se a um recorte do espaço, a uma porção do espaço colonizado.

As relações capitalistas, fruto da sociedade moderna é um dos fatores que promovem adaptabilidade, ou seja, moldagem do espaço que passa a ter um papel importante, pois aparecem como palco das relações sociais, políticas e econômicas. Cada recorte desse espaço, que contém e está contido em cada uma dessas relações correspondem a uma espacialidade específica. “A ordem social emergente da modernidade é o capitalismo tanto em seu sistema econômico como em suas outras instituições”. (Giddens, 1990, p.20)

Essas espacialidades são reflexos da capacidade do homem de modelagem, o *exossomatismo* “condição inerente ao ser humano de modelagem, modificação do meio”, podendo essa modelagem ser simbólica ou material.

Segundo Santos (1985), se considerarmos o espaço como instância da sociedade, significa que ele contém e está contido nas demais instâncias, econômica, político institucional, cultural ideológica, sendo que a essência do espaço é social. Entretanto, a analise do “espaço social” ou das “espacialidades” devem passar pelo fato de que o mesmo está em evolução permanente e que tal evolução resulta de fatores internos e externos.

As estruturas e os sistemas espaciais da mesma forma que as demais estruturas e sistemas, evoluem segundo três princípios: 1. o principio da ação externa, responsável pela evolução exógena do sistema; 2. o intercâmbio entre subsistemas ou (subestruturas que permite falar de uma evolução interna do todo, uma evolução endógena; e 3. uma evolução

particular a cada parte ou elemento do sistema tomado isoladamente, evolução que é igualmente interna e endógena. (Santos, 1985, p.17)

A evolução do espaço a partir desses princípios faz surgir espacialidades diferentes, ou seja, espaços sociais moldados com a finalidade de ter funcionalidade.

O principio da ação externa é o responsável pela subdivisão dos espaços mundiais, em países desenvolvidos e detentores da tecnologia e países subdesenvolvidos fornecedores de matéria prima e mercado consumidor. Esse princípio tem seu início desde o período mercantil, onde as primeiras configurações mundiais se estabeleciam.

Inicialmente a busca era por ouro, prata e especiarias, os países que atenderam a essas demandas passaram a ter seu espaço construído a partir dessas relações. Hoje a ação externa continua a modificar os espaços, mas os anseios e práticas são outros e condizem com as técnicas existentes na atualidade.

Segundo Milton Santos (1985) "o comportamento dos subespaços do mundo subdesenvolvido está geralmente determinado pelas necessidades das nações que estão no centro do sistema mundial".

Apesar de o objeto ser as espacialidades presentes, toda a análise deve passar pela análise histórica como suporte indispensável para a compreensão de sua produção.

O presente atual é parte do passado, ou seja, se formou a partir de elementos do passado sendo que sua compreensão permite o entendimento do processo, compreender as tendências que permitirão vislumbrar um possível futuro.

A noção de espaço esta intimamente associada à idéia de sistemas de tempo. A cada momento da história seja ela local, regional, nacional ou mundial a ação das diversas variáveis depende das condições do correspondente sistema temporal.

A dinâmica da modernidade está associada à separação do espaço-tempo, e de sua recombinação. Essa recombinação segundo Giddens, ocorre através dos desencaixes "'deslocamento' das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço".

Na modernidade o nível de distanciamento tempo-espaço é maior do que foi em qualquer outro período anterior, as relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes são tão intensas que acontecimentos locais são modelados por eventos que ocorrem a milhas e vice-versa. A modernidade cria novas espacialidades e temporalidades.

As espacialidades são o meio de implantação da modernidade, porque é através das espacialidades que os instrumentos da modernidade agem, o espaço aparece como condição de possibilidades de todas as coisas e sua valorização esta associada ao fato de que os instrumentos somente passam a ter valor a partir do espaço.

Apesar da modernidade apresentar uma gama de instrumentos que permite a modificação do espaço, e essa se constituir como uma das características marcantes da modernidade, o foco deve estar no espaço, que foi a condição para a existência da modernidade e não os instrumentos.

A modelagem do espaço ocorre a partir das técnicas, ou próteses que permite um menor distanciamento do espaço tempo, é uma condição inerente à sociedade moderna. A ciência é produzida com o intuito de diminuir a distância entre os espaços no menor período de tempo possível.

A relação do homem com o meio se dá através das técnicas, que é o meio pelo qual o homem realiza sua vida e cria seus espaços.

Quanto mais o homem desvela o espaço, mais instrumentos cria para a sua modificação, surgindo assim novas espacialidades.

A distribuição dessas técnicas no espaço e o seu processo de modernização não ocorrem aleatoriamente, mas correspondem à dinâmica de crescimento e funcionamento dos sistemas em relação ao centro.

Entre os povos primitivos e através da história das civilizações, encontramos diversos povos que demonstraram uma notável capacidade de comando da natureza, utilizando as técnicas que desenvolviam e aperfeiçoavam, contudo, estas próteses (técnicas) correspondiam a um prolongamento de seus corpos, e constituíam-se como sistemas técnicos locais. Ao longo do tempo, as trocas entre os grupos acabaram por impor a troca de técnicas, essas inserções de novas técnicas acabou por impor mudanças na história das comunidades, até então autônomas.

A partir do século XV com a expansão do capitalismo, a possibilidade de trocas se intensificou e um processo de unificação das técnicas se inicia. As comunidades que possuíam cada uma seus modelos técnicos, passam a utilizar modelos unificados. Fenômenos que Milton denomina *desterritorialização* das técnicas, que após se instalarem no novo meio e se fundirem com as novas técnicas existentes sofrem o fenômeno intitulado *reterritorialização*, ou seja, fusão das antigas técnicas com as novas inclusive técnicas de outras regiões.

Segundo Giddens, essa apropriação reflexiva do conhecimento (apropriação e difusão das técnicas), que é intrinsecamente energizante, mas também necessariamente instável, se amplia com o intuito de incorporar grandes extensões de espaço-tempo, ou seja, o maior número possível de locais em um menor tempo.

O fim dos impérios, acelerado pelo fim da II guerra mundial intensifica o período de universalização das técnicas, sobretudo as baseadas na informação.

O processo de unificação das técnicas é própria da natureza do capitalismo e está associada aos seus mecanismos de sustentação, como a criação de organismos supranacionais, o surgimento de inúmeros estados nacionais, a informação e o consumo, fatores de estimulação e triunfo das técnicas. O caminho percorrido pelo capitalismo foi alcançar um único sistema técnico, e essa foi à base pra a globalização.

Segundo Anthony Giddens (1991, p.69), a globalização pode ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo à milhas de distância e vice-versa. “As organizações modernas são capazes de conectar o local e o global de forma que seriam impensáveis em sociedades mais tradicionais, e, assim fazendo, afetam rotineiramente a vida de milhões de pessoas” (Giddens, 1991, p.28)

O período após a II guerra mundial, mas precisamente nos anos 70, segundo Milton Santos é denominado período técnico científico informacional, que se distingue dos anteriores por uma interação profunda entre a técnica e a ciência.

A interação entre a ciência e a técnica encontra no mercado seu meio de expansão, mas, todavia essa interação permitiu ao mercado a sua expansão a níveis globais. A expansão do mercado em nível global esta associado ao caráter informacional, pois foi o mesmo que auxiliou essa expansão.

A aplicação de um único sistema técnico somente foi possível, graças ao recurso da informática, ou seja, mas especificamente a internet e que diminuiu ainda mais o distanciamento espaço-tempo. “Em nossa época, o que é representativo do sistema de técnica atual é a chegada da técnica da informação, por meio da cibernética, da informática e da eletrônica” (Santos, 2006, p.25).

Assim a ciência, a tecnologia e a informação estão na base da produção, da utilização e do funcionamento do espaço (Santos, 1996, p.190).

Contudo a modernidade não é hegemônica, alcança determinados lugares e não outros e faz conviver o velho com o novo em um conjunto harmônico. Assim o surgimento de uma nova família técnica, não faz desaparecer as antigas, nem tão pouco passa a ser difundido de forma hegemônica, alguns lugares continuam convivendo com o conjunto antigo de técnicas.

Quando um determinado lugar não tem as condições para mobilizar as técnicas consideradas mais avançadas, torna-se um ator de menor importância no período atual.

Os espaços assim requalificados atendem, sobretudo aos interesses dos atores hegemônicos da economia, da cultura e da política e são incorporados plenamente às novas correntes mundiais. Segundo Milton Santos o meio técnico cientifico informacional é a cara geográfica da globalização.

Diversos são os instrumentos, próteses e mecanismos utilizados pela modernidade para manter sua dinâmica, sustentar esse distanciamento tempo-espaço e comandar a dinâmica moderna que agora distribui ao longo do mundo seu processo de produção.

Essas novas modernizações criam novas atividades ao corresponder a novas necessidades, essas novas atividades são denominadas por Giddens de *sistemas peritos* "sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas do ambiente material, e social que vivemos hoje".

Os sistemas peritos, mecanismos de desencaixe segundo Giddens, estão associados à capacitação profissional, que inclui nos dias atuais o surgimento de novas profissões vinculadas à manutenção do sistema de próteses criada pelo capitalismo.

Os sistemas peritos são mecanismos de desencaixe que, em comum com as fichas simbólicas removem as relações sociais das imediações do contexto.

As fichas simbólicas são outros mecanismos de desencaixe, que permite que bens e serviços sejam trocados de uma forma impessoal seja através de dinheiro moeda, dinheiro plástico, ou mesmo na forma de dinheiro informação armazenado em forma de número no sistema dos Bancos Centrais dos respectivos lugares ou mundiais. As fichas simbólicas se constituem como meio de acesso as espacialidades.

Todos esses mecanismos de desencaixe apresentam como função seguir a lógica da distribuição do processo de produção pelo mundo, assim como a distribuição , a circulação e o consumo. Porém, a fragmentação do processo de produção é o fator de inovação, pois permite produzir muito mais por unidade de tempo.

Para que essa dinâmica de fragmentação da produção ocorra, é necessário que os meios de sustentação também se modifiquem para acompanhar essas mudanças. Entram neste caso as fichas simbólicas e os sistemas peritos como meio regulador da fragmentação da produção em escala mundial.

A modernidade caracteriza-se então por construções e desconstruções que ocorrem frequentemente com o intuito de acompanhar o sistema capitalista e seus desdobramentos, os instrumentos criados pela modernidade se desenvolvem e alteram diretamente a vida social do homem, sendo que suas conseqüências atingem proporções em escalas globais.

A geografia precisou se adaptar aos novos instrumentos da modernidade, uma vez que sua proposta de estudo está focada no espaço modificado, que ao longo dos anos, recebe diferentes denominações e nomenclaturas de acordo com cada autor em função das características por eles analisadas.

O foco da ciência geográfica se alterou ao longo dos anos, muitas vezes como forma de atender a política vigente, mas todo o processo foi necessário para o amadurecimento da geografia que hoje tem como objetivo expor como o uso consciente do espaço pode restaurar a dignidade humana.

> Os geógrafos, ao lado de outros cientistas sociais, devem se preparar para colocar os fundamentos de um espaço verdadeiramente humano, um espaço que una o homem por e para seu trabalho, mas não para em seguida os separar em classes, entre exploradores e explorados; um espaço matéria inerte trabalhado pelo homem, mas não para se voltar contra ele; um espaço, natureza social aberta à contemplação direta dos seres humanos, e não um artifício; um espaço instrumento de reprodução da vida, e não uma mercadoria trabalhada por uma outra mercadoria, o homem artificializado (Santos, 2004. p.267)

A geografia encara então a difícil tarefa de buscar alternativas no combate dos riscos de alta conseqüência da modernidade, ou seja, o crescimento de poder totalitário, o colapso dos mecanismos de crescimento econômico, os conflitos nucleares e as guerras de grande escala assim como os desastres ecológicos (Giddens, 1991. p.170) para promover uma melhor organização do espaço e por conseqüência uma vida digna e sem desigualdades a todos os moradores do mundo, uma vez que esse é que ameaça o planeta, através da modificação das técnicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito chave na Geografia. In: **Geografia: conceitos e temas.** 1995.

DURANT, Will. **A Idade da Fé:** A história da Civilização Medieval de Constantino a Dante - 325 a 1300 d.C., Rio de Janeiro, s/d.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991, 177 p.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2006. 15ª edição.

MACHADO, Monica Sampaio. **Geografia e Epistemologia: Um Passeio pelos Conceitos de Espaço, Território e Territorialidade.** Geo UERJ Revista do Departamento de Geografia. Rio de Janeiro: UERJ, Departamento de Geografia, n.1, p. 17-32, jan/jun. 1997. 98p.

SANTOS, Carlos. **Percursos Geográficos**: Rumo a Toposofila. Porto Velho: Fundação Rio Madeira, 2004.183p.

SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979. 152p.

_____**Espaço e Método**, São Paulo: Nobel, 1985.

_____**A Natureza do Espaço**: razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1999. 308 p.

_____**Por uma nova Geografia**, São Paulo: Hucitec, 2004. 6ª edição. 285 p.

_____**Por uma outra globalização**, Rio de Janeiro: Record, 2006. 174 p.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983. 245p.